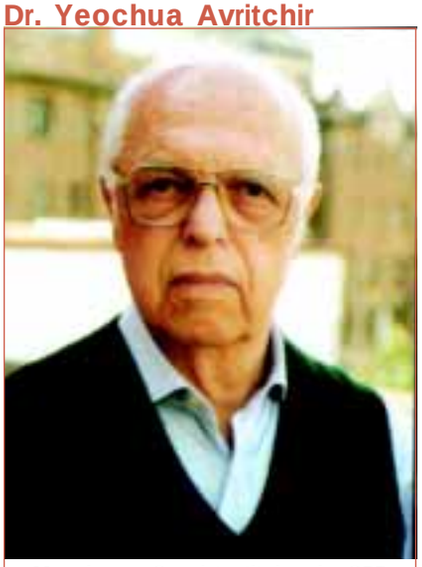
# O forró

Dr. Yeochua Avritchir



Membro e Cronista titular do CBR

Após vários anos de intensa atividade profissional, seis empregos e árdua poupança, consegui o capital inicial para realizar o sonho do consultório próprio, o grande passo para a independência.

Um prédio novo, pequeno, cinco andares, na esquina da Marquês de Itu com Amaral Gurgel, foi o local escolhido. Perto da Santa Casa, fácil estacionamento. Em suma, achei o que procurava.

Ocupei o primeiro andar, e com o correr dos anos fui expandindo a empresa até ocupar todo o prédio. O quinto andar era o mais precioso. Era o meu lugar sagrado. Do piso ao forro, tudo do mais bonito e do melhor. Era a sala do ultra-som, o equipamento mais dispendioso.

Raimundo foi nomeado zelador. Era um baiano forte, tipo ideal para o serviço. Ficava o dia inteiro encostado na porta de vidro, olhando para a rua. A segurança do consultório era total.

Para azar meu, recebeu uma herança e retornou à Bahia. Nunca foi substituído. Igual a Raimundo, nunca mais.

Saiu o Raimundo e veio o Joaquim. Bem recomendado, papelada em ordem. A atração do emprego era grande, pois o zelador tinha direito a uma residência confortável.

Estávamos relativamente satisfeitos com o Joaquim. Ele e a família passavam os fins de semana no prédio, o que aumentava a minha sensação de segurança.

Nunca me passou pela cabeça ir ao consultório sábado ou domingo. Mas aconteceu.

Vindos de uma festa, subindo a Marquês de Itu, por acaso, passamos em frente ao consultório. Era mais ou menos meia-noite. Tive a impressão de ver a luz acesa no quinto andar. Obedecendo a um *feeling,* parei, toquei a campainha, e o Joaquim, depois de longa espera, apareceu.

**Fui até o quinto andar e a luz estava apagada. O silêncio era total. Teria sido uma alucinação? Ao acender a luz, deparei com cerca de cinqüenta pessoas que, sentadas, imóveis, mudas, tomavam o salão. Algumas seguravam sanfonas e tamborins. Sem dar explicações, foram esgueirando-se pelas escadas e abandonaram o local**

Na segunda-feira, foi encontrado no lixo um talonário de ingressos com os dizeres – "Forró da Amaral Gurgel". Pelo visto, não tinha sido a primeira vez. Durante meses, eu tinha sido co-proprietário de um dos mais concorridos forrós da região. Só que eu não sabia.